

# CAXIAS E A BAHIA

Gen B/1

JOEL DA SILVA OLIVEIRA

A Nação, pelas suas classes mais representativas e particularmente o Exército, que o elegeu seu patrono, a cujo quadro pertenceu desde os albores de sua existência, rende anualmente a CAXIAS, na Semana do Soldado, o culto da sua admiração e do seu reconhecimento pela soma inestimável de serviços que prestou à Pátria, consolidando a sua Independência, esmagando revoluções, pacificando províncias do Império, vencendo os nossos inimigos externos em três guerras em que se empenhou o Brasil, consagrando-se o "maior guerreiro de todo o hemisfério", mais feliz do que Simon Bolívar, "pois não conheceu o travo da derrota", saindo vitorioso em nada menos de quinze combates e de duas batalhas em que se empenhou.

CAXIAS nasceu predestinado à carreira das Armas, atingindo todos os postos da hierarquia militar pelos relevantes serviços prestados, exerceu altos postos na política do País, foi agraciado com as mais altas condecorações do Império e o título nobiliárquico de Duque, o único brasileiro que mereceu tão elevada distinção.

Escrevendo sobre "CAXIAS e o seu papel histórico", acentuava Oliveira Vianna: "Grande e gloriosa nação somos hoje sem dúvida, mas se assim somos foi porque, desde o berço da nossa nacionalidade e durante todo o seu período de crescimento, a espada de CAXIAS impediu que o inimigo interno, perturbando a ordem, nos dividisse, e o inimigo externo, pisando o nosso território, nos exprobrasse".

Em 1903 o Instituto Geográfico e Histórico Brasileiro, desejando comemorar condignamente o centenário do nascimento do grande brasileiro, propusera a Euclides da Cunha escrever uma biografia do DUQUE DE CAXIAS. Euclides se achava em Lorena e em carta ao Secretário do Instituto aceitava a incumbência, que qualificava de "nobilitador encargo", comunicando haver iniciado a leitura da vida do "grande herói tranqüilo", afirmando que "escrever sobre tão extraordinária figura, seria simplesmente descobrir e estabelecer as origens do Brasil contemporâneo".

Infelizmente, o destino cruel que roubou tragicamente a vida daquele espírito privilegiado, não permitiu que ele cumprisse a palavra empenhada, enriquecendo com a sua pena brilhante a bibliografia do nosso maior soldado.

Apraz-me recordar CAXIAS nas comemorações do Sesquicentenário da Independência; apraz-me recordar CAXIAS neste glorioso Estado da Bahia, cenário das primeiras emoções da sua brilhante carreira de soldado; apraz-me relembrar a atuação de CAXIAS nas lutas pela nossa Independência onde revelou virtudes cívicas e militares que o conduziram aos cimos da glorificação nacional.

\* \* \*

Essa a nossa história que o Príncipe Regente D. Pedro, a 7 de setembro de 1822, nas margens do Ipiranga, num gesto de revolta às exigências da Corte Portuguesa e já inteirado da realidade brasileira, declara a nossa Independência política, rasgando os laços que nos uniam a Portugal.

Na Província da Bahia o "Núcleo da Cristalização do Brasil", grandes contingentes de tropas ao mando do Chefe experimentado que era o General Madeira, resolveram oferecer resistência às determinações das autoridades brasileiras para deixar o País.

Desde fevereiro de 1822 que já existia entre portugueses e brasileiros "estado de ânimo irreconciliável", e que só veio a resolver-se pela vitória das nossas armas, em 1823.

No Arraial do Pirajá, nas proximidades da Capital da Bahia, começa a concentração dos independentes, tendo para ali se dirigido, em primeiro lugar, o Tenente-Coronel

Joaquim Pires de Carvalho Albuquerque, depois Brigadeiro e Visconde de Pirajá, tomando posição com seus guerrilheiros.

Soldados brasileiros que fugiam da Capital para os engenhos e propriedades próximas, principalmente para as Vilas de Santo Amaro, Cachoeira e São Francisco, constituíram o núcleo da organização do futuro Exército Libertador, cujo efetivo aumentava progressivamente, com levas de voluntários procedentes de vários pontos da Província rebelde.

As hostilidades se iniciaram a 25 de junho de 1822, na Vila da Cachoeira, com a tomada de uma canhoneira lusitana, a viva força.

Assumindo o Império a direção da guerra na Província da Bahia, nomeia o General Pedro Labatut para o Comando do Exército e o Almirante Cochrane para Chefe das operações navais. Sob a direção desses dois Chefes, tomam novos rumos as operações militares.

Lançando-se à ofensiva, o General Madeira é derrotado nos combates de 8 de novembro, 19 de dezembro e a 7 de janeiro de 1823, no ataque à Ilha de Itaparica.

Para reforçar o Exército de Libertação, decide-se a vinda do Batalhão do Imperador. A 26 de janeiro de 1823, algo de anormal se registra nas ruas centrais da Capital do Império; desfila ao som da Banda Marcial, vistoso no colorido do seu uniforme, onde se destacam o verde e o amarelo das cores nacionais, imponente no conjunto dos seus oficiais e soldados, armas luzidias ao sol, a nova unidade do Exército Nacional, o Batalhão do Imperador, tropa de elite, mandado organizar por decreto de 18 de janeiro, com o objetivo de "proporcionar à Bahia os meios de a tornar livre da opressão".

Por onde passava despertava atenção e entusiasmo; comandava-o o Tenente-Coronel José Joaquim de Lima e Silva e no conjunto dos seus oficiais, "escolhidos entre os de excepcional valor", destacava-se pelo garbo marcial um jovem Tenente — LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA — futuro Marechal, o Duque de Caxias.

No cais esperava-o, fogos acesos, a esquadra que devia conduzi-lo à Província da Bahia, o teatro das operações de guerra entre nacionais e portugueses.

O seu efetivo era de 880 soldados, escolhidos homem por homem pelo próprio Imperador, que para esse fim mandou reunir no Campo de Santana toda a tropa disponível da guarnição da Corte. A proporção que passa em revista a tropa vai mandando que os escolhidos dêem um passo à frente; tipos atléticos de soldados — altos, espadaúdos, decorativos modelos de plástica em rígidos figurinos guerreiros e cujo conjunto deve constituir luzida e forte guarda pretoriana como a dos “Comares de Roma”.

Era a primeira missão que ia desempenhar a garbosa unidade, missão altamente significativa e honrosa, qual a de cooperar para expulsão definitiva das tropas lusitanas das terras do Brasil livre e independente.

A viagem ocorreu sem incidentes; a 22 de fevereiro o Batalhão desembarcou em Jaraguá e a 24 de março se reunia em Pirajá ao Exército sob a chefia do General Labatut, que continuava sitiando a Cidade de Salvador, constituindo-se mais uma Brigada, a do centro, cujo comando foi confiado ao Coronel LIMA E SILVA.

A 3 de maio o Batalhão do Imperador, pela primeira vez, se empenhava em combate, nele tomando parte ativa e recebendo o seu batismo de fogo, o jovem Tenente LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, “revelando as excepcionais qualidades de iniciativa, comando, inteligência e bravura que lhe esmaltaram o resto da vida com o fulgor da coragem e do triunfo”.

Entre o General Labatut e Comandantes de Brigadas surgiram sérias desinteligências que estiveram na iminência de comprometer o êxito da campanha; o excesso de disciplina e certos atos do seu comando acabaram por comprometer o General, que foi destituído, decisão tomada em Conselho de Oficiais, lavrando-se uma ata. “O bravo Ajudante do Batalhão é obrigado a submeter-se à deliberação da maioria. Está em jogo a autoridade do seu próprio tio”.

CAXIAS assina a ata, mas em último lugar. É um protesto. Já muito cedo se revela no militar apenas no início da carreira, aquele espírito de justiça, de disciplina e de severidade que será mais tarde o apanágio de todos os seus atos”.

A 21 de maio, o Coronel José Joaquim de Lima e Silva assume o comando do Exército Libertador, continuando o assédio da cidade onde a situação do General Madeira era cada dia mais crítica.

A 3 de junho, CAXIAS volta novamente à ação, no comando de uma companhia quando, atacando uma fortificação do inimigo, luta a baioneta, corpo a corpo, obrigando-o a retirar-se e perseguindo-o até vê-lo desaparecer em suas linhas, dando provas de sua bravura pessoal.

Foi este o último encontro de iniciativa do comando, limitando-se então as operações a simples encontros de patrulhas e a troca esporádica de tiros entre sentinelas dos postos avançados de ambos os lados.

A idéia de LIMA E SILVA era impor a rendição ao General inimigo.

Madeira reúne os seus oficiais e ante o dilema de se entregar ou abandonar a cidade, resolve retirar-se.

Na madrugada de 2 de julho, a um tiro convencional de canhão, 11.294 homens, soldados e marinheiros, embarcam para imediata partida. O Exército não se retirava. Fugia — na expressão feliz de Pedro Calmon.

Rápida, a notícia chega ao acampamento dos independentes, onde os Chefes reunidos aprontam os planos para entrada na cidade abandonada pelo inimigo.

O Exército Libertador, dividido em duas colunas, penetra na cidade por dois caminhos diferentes. Pela Estrada das Boiadas marchou a coluna do Coronel LIMA E SILVA, com seu Estado-Maior, no qual figurava Maria Quitéria, a heroína da Independência, na vanguarda o Batalhão do Imperador tendo como ajudante o Tenente LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, que desfila pelas ruas da capital baiana sob os aplausos delirantes dos seus habitantes.

“O Pavilhão do Império passa, erguido nas mãos do jovem ajudante do Batalhão. É ainda a mesma Bandeira que CAXIAS recebera das mãos de D. PEDRO na Capela Imperial e que tão cedo vira trocar-se o véu do incenso, em que se batizara, pela nuvem de pólvora que agora lhe traz a glorificação da guerra e da vitória”.

Diante da histórica fortaleza do Barbalho, detém-se a parada da liberdade. Nas suas ameias, hasteia-se o Pavilhão Nacional, que é saudado por salvas de artilharia de peças desencravadas do próprio Forte.

Quem hasteou o Pavilhão auriverde na citada fortaleza? O jovem ajudante do Batalhão do Imperador ou o Alferes Adrião, que nele figurava como criado do Imperador?

Admitimos, com alguns historiadores e com fundamento na organização militar, que esta honra insigne de hasteamento da primeira Bandeira Imperial do Brasil na cidade redimida coube ao Tenente LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, futuro Duque de Caxias.

O Exército continua a sua marcha triunfal pelas ruas estreitas e aladeiradas da capital da Província.

Reunidas as duas colunas no Terreiro de Jesus "os Batalhões se congregaram e, as armas em sarilho, a paz foi ovacionada por dez mil homens — os heróis da jornada, os fatores da Independência, os leões da epopéia".

"A luta pela Independência, escreveu Bernardino de Souza, durou de 25 de junho de 1822 a 2 de julho de 1823; nela se empenharam de lado a lado, treze Brigadas, mais de trinta batalhões, noventa e sete navios com novecentas e trinta e quatro peças de artilharia e vinte mil, oitocentos e nove homens das três armas; feriram-se dezenas de encontros, quatro batalhas campais e sérios combates no mar, em todos se atestando o valor dos guerreiros da libertação do Brasil."

Afrânio Peixoto encerrando brilhante conferência pronunciada em 2 de julho de 1923, no Instituto Geográfico e Histórico, disse: "Derramamos sangue, o nosso sangue... só por isso nos atrasamos no caminho, só por isto chegamos tarde à festa... Mas, também, brasileiros do Brasil inteiro que me ouvis, mas também, só depois de 2 de julho de 1823, é que scis completamente livres... realmente livres.

E isto foi a dádiva da Bahia à Independência do Brasil."

Pelo Comando-Geral do Exército foi designado o Quartel da Mouraria, onde hoje se encontra instalado o QG da 6.<sup>a</sup> Região Militar, para alojamento do Batalhão do Imperador; no velho casarão Caxias permaneceu na capital balana dedicado à vida de rotina da caserna e à prática da religião católica de que era fervoroso adepto.

A presença do Batalhão do Imperador em Salvador ficou marcada por incidentes envolvendo soldados e oficiais do seu efetivo. O primeiro deles registrou-se nas proximidades do Quartel do Carmo, quando uma patrulha da referida Unidade foi agredida por soldados do 5.<sup>o</sup> Batalhão, saindo feridas várias praças do Batalhão de CAXIAS. O incidente desagradou profundamente a oficialidade que em ofício enérgico, dirigido ao seu Comandante efetivo, Coronel LIMA E SILVA, então no Comando das Armas, solicitava providências para "o pronto regresso de todo este Batalhão para a Corte do Rio de Janeiro".

Por sua vez, o Coronel LIMA E SILVA, solidário com seus oficiais, dirige-se ao Presidente da Província, propondo "a retirada já e já do serviço da guarnição, do Batalhão que não sofre no meio do serviço insultos".

A situação era de fato inquietante; para solucioná-la, por ordens superiores, os soldados das duas Unidades marcharam, completamente desarmados, para a Praça da Piedade, onde mutuamente se abraçaram, encerrando, na aparência, e de modo cavalheiresco, as suas desinteligências.

Serenados os ânimos, outro incidente se verifica na cidade baixa, desta vez com as praças do 1.<sup>o</sup> Batalhão, aumentando o desassossego na previsão de novos acontecimentos que felizmente não surgiram.

Em 19 de setembro, a Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos promove, em regozijo pela restauração da cidade, uma imponente procissão na qual CAXIAS toma parte com a sua Unidade.

Em outubro, a cidade se enche de boatos terroristas, ameaças de revolução e subversão da ordem pública previstas para o dia 12, quando se comemoraria a solene aclamação do novo Imperador.

Reunidos em Palácio, a 9, o Comando-em-Chefe e os Comandantes dos Corpos, estes revelam ao Presidente da Província a existência da conjura visando afastar do Comado das Armas o Coronel LIMA E SILVA, que ali mesmo, em benefício da tranqüillidade da familia baiana, se demite das suas funções.

Inteirados dos fatos no dia immediato, CAXIAS e os officiais do Batalhão do Imperador compareceram ao Palácio e depois de protestar "toda a maior submissão ao Governo representaram o que muito lhes convinha, regressar com maior brevidade à Corte, visto ter-se conseguido com tanta glória o motivo de sua missão, e ter-se demittido o seu Chefe, a quem queriam acompanhar, finalmente para não acontecer que houvesse alguma indisposição entre os soldados do seu Corpo e os da terra, o que mostrava a experiência ser fácil de acontecer".

Atendendo a solicitação dos officiais, o Batalhão do Imperador foi dispensado do serviço enquanto se preparava para regressar à sua sede.

Passam-se os dias na ansiosa espera dos transportes e o Batalhão do Imperador "instava pela sua retirada".

Achando-se a Província "sobrecarregada de enormes dívidas" e não dispondo de meios financeiros para custear a viagem, contratou o transporte do referido Batalhão correndo as despesas respectivas por conta da Intendência da Marinha na Corte com exceção da sumacra "Esperança" que deveria na Bahia receber a respectiva importância.

"As circunstâncias expostas — declarava em officio o Presidente da Província — não só obrigarão a tomar tal medida como também a não irem pagos das competentes etapas os officiais do sobredito Batalhão, fazendo-se-lhes somente o ajuste das contas para serem deles pagos nessa mesma Corte."

A 5 de novembro de 1823 o Batalhão do Imperador, sob os olhares agradecidos da população da capital baiana, embarca com todo seu efetivo para a Corte, onde chega a 16; "volta cheio de glória, trazendo para o Paço recordações guerreiras bravamente conquistadas nos campos de Pirajá".



Em officio de 23 de novembro, dirigido ao Ministro da Guerra, o seu Comandante elogia vários dos seus officiaes pela sua conduta nas operações de guerra na Província da Bahia, mencionando o Tenente LUIZ ALVES DE LIMA E SILVA, afirmando que elles "desempenharam magnificamente as diferentes comissões de que foram encarregados, e sua bravura e habilidade concorreram muito para o bom êxito das operações e devem merecer em primeiro lugar a alta consideração de Sua Majestade Imperial".

A 22 de janeiro de 1824, o jovem official, na idade de 20 annos é promovido a Capitão "em attenção aos serviços prestados e à extraordinária bravura demonstrada nos encontros travados em 23 de março, 3 de maio e 3 de junho na campanha da Independência da Bahia".

"É na verdade uma promção que desperta comentários, mas, rapidamente se espalhara a fama das suas virtudes militares e dos exemplos de abnegação e bravura, de que dera provas entusiásticas nas heróicas terras baianas."

Como recompensa à sua exemplar bravura, CAXIAS foi agraciado com a insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem do Cruzeiro, por decreto de 17 de fevereiro de 1824, sendo a primeira condecoração a que fez jus.

A Bahia viveu sempre nas recordações do grande soldado. Encontrando-se com o Batalhão do Imperador na Cisplatina, recebeu CAXIAS a sua segunda condecoração, a Medalha da Independência, também conhecida por Medalha da Restauração, criada por decreto de 2 de julho de 1825.

Nas citadas condecorações, pendentes do seu peito, estava presente a lembrança da Bahia, das suas primeiras atuações, elle que se orgulhava, conforme afirma Capistrano de Abreu, de ser um dos "Veteranos da Independência".

Na Província do Maranhão, "sem nenhum pensamento de ordem social ou politica", inicia-se em dezembro de 1838 o movimento revolucionário conhecido na nossa história como A Balaiada, para assumir, em fins de 1839, proporções assustadoras, ameaçando estender-se a todo o norte do País. Por carta imperial de 12 de dezembro de 1839, confiou o Governo a Presidência da Província do Maranhão ao Coronel LUIZ

ALVES DE LIMA, nomeando-o Comandante-Geral das Forças em operações contra os rebeldes, com poderes para "agir segundo as circunstâncias melhor o aconselhassem".

Organizando as suas Forças, escolhendo seus auxiliares entre os "oficiais prestantes e de reconhecida probidade" e denominando-os "Divisão Pacificadora do Norte", parte do Rio de Janeiro, a 22 de dezembro, no vapor "S. Sebastião", conduzindo no "Duque Berenger" as munições e demais equipamentos necessários para a campanha que ia enfrentar.

O vapor "São Sebastião" tocou na Bahia que CAXIAS revia pela segunda vez na sua vida; aqui embarcou um pequeno contingente sob o comando do então 1.º Ten de Artilharia Alexandre Gomes de Argolo Ferrão. O futuro Visconde de Itaparica encontrava-se na sua Província natal em gozo de licença para tratamento de saúde, oferecendo-se para seguir para o Maranhão, onde a sua atuação foi das mais destacadas e eficientes. Encontraram-se depois, avançados na carreira militar e no caminho da glória, na campanha do Paraguai — CAXIAS Comandante-em-Chefe dos Exércitos Aliados e Argolo à frente de um Corpo do Exército cujo Comando lhe fora confiado pelo grande soldado. Na ponte de Itororó ambos se cobriram de glória imorredoura — Argolo, ferido quando em pessoa comandava os seus homens; CAXIAS com o seu gesto e atitude de verdadeiro soldado e patriota impondo a decisão do mortífero combate, no qual se engajou, depois de convidar a segui-lo "os que fossem brasileiros".

Argolo retirou-se para a Bahia, coberto de glória, o peito brilhando de condecorações — a Medalha do Mérito Militar, que lhe foi concedida em atenção aos reiterados atos de bravura — agraciado com o Título de Visconde de Itaparica, para morrer aos 49 anos de idade, Marechal do Exército, uma existência curta em anos, pródiga de serviços à Pátria.

CAXIAS, que sabia premiar com raro descortino e justiça, qualificou-o de "General Modelo", oferecendo-lhe, como prova de sua amizade e reconhecimento, uma espada de ouro, que o Visconde trazia à cinta quando desembarcou nos braços do povo desta cidade, que o recebeu como um autêntico herói, uma das maiores manifestações públicas registradas nos anais da Bahia.

Mais feliz, CAXIAS continuou a sua ascensão gloriosa.

Na sua vida, Bahia e Maranhão representaram etapas iniciais da sua fecunda atividade.

Na Bahia "são os feitos primeiros de CAXIAS, sua carta de apresentação, o início de sua longa carreira de serviços ao Brasil".

Na Bahia "centro irradiante e mais antigo da alma brasileira", recebeu o seu batismo de fogo, adquiriu aquela "aristocracia da bravura", a que mais tarde ele mesmo se referiu da tribuna do Senado; no Maranhão iniciou a sua obra de pacificação da família brasileira, que prosseguiu sempre vitoriosa em São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, consolidando a Unidade Nacional, que lhe valeu o título de "O Pacificador".

"O Maranhão, ou melhor CAXIAS, como expressão geográfica mais saliente dessa horripilante Balaiada, é a revelação de organizador do gênio, um administrador de pulso, um Chefe de exceção, um técnico das idéias gerais, um profissional competente, uma energia em ação, um General, enfim".

Pacificada a Província, após um ano de operações militares, e, finda a sua missão, regressa à Corte em 1841, re- vendo nesse ano a Bahia, pela última vez.

Recebido com as maiores demonstrações de apreço, como recompensa é promovido a Brigadeiro, e, sendo intenção do Governo agraciá-lo com o Baronato, foi-lhe permitido escolher o respectivo cognome, combinando-se o título de BARÃO DE CAXIAS que, como disse Pinto de Campos, significava "disciplina, administração, vitória, justiça, igualdade e glória".

Nele, as qualidades de militar, o espírito de disciplina, a obediência às leis e às instituições, o acendrado patriotismo, constituíam o apanágio de sua vida exemplar.

No Maranhão, afirmou ser mais militar do que político, colocando-se acima dos partidos que se debatiam na guerra civil e ainda nessa Província, ao entregar a respectiva Presidência ao seu substituto, declara: "Sou militar e, como tal, sempre obedeci às autoridades legalmente constituídas."

Na jornada de 7 de abril de 1831, sabendo que seu pai se encontrava chefiando a rebelião, permaneceu ao lado do Imperador, disciplinadamente, pronto a cumprir com o seu dever de militar.

No conceito do genial Ruy Barbosa, "CAXIAS honrou insinamente a disciplina".

"Dentro dos quadros de sua profissão — escreve Luiz Delgado — CAXIAS foi um símbolo de obediência. Em toda a minha vida, tomei por norma obedecer sempre, sem hesitar, às ordens do Governo — são palavras suas".

Na célebre "Questão Christie", profundamente magoado no seu patriotismo, escreve ao Visconde do Rio Branco: "Tenho vontade de quebrar a minha espada quando não me pode servir para desafrontar o meu País de um insulto atroz".

Por motivo de ordem político-partidária, foi posto à margem na campanha do Paraguai; em 1866, sendo crítica a situação da guerra, o partido Liberal que se encontrava no poder apela para o patriotismo de CAXIAS, que politicamente militava nas fileiras conservadoras.

O grande soldado, já sexagenário, com uma folha invejável de serviços à Nação, não hesita em assumir o Comando, conduzindo o Exército de vitória em vitória, em memoráveis batalhas, até a capital paraguaia, onde entra vitorioso e coberto de glórias.

Em 1935, em significativa cerimônia diante do busto de CAXIAS, o saudoso General João Gomes, então Ministro da Guerra, presentes altas patentes militares e numerosos oficiais das nossas Forças Armadas, proferiu um juramento solene cognominado o "Juramento das Estrelas".

"Rompendo os umbrais da eternidade, a voz dos mortos ilustres parece, por si mesma, transmitir aos vivos, suas idéias e seus ensinamentos."

Neste momento, ante o vulto de CAXIAS redívivo na nossa memória, juremos, militares e civis, governantes e governados, homens com a responsabilidade da administração e cidadãos conscientes dos seus deveres, juremos a

nossa fé inabalável nos destinos da Pátria, legado dos nossos antepassados, juremos defendê-la dos inimigos do regime e da liberdade, dos falsos apóstolos da salvação nacional, o pensamento voltado para a vida edificante deste varão "flor de estadista e soldado", do cidadão exemplar que na sua existência sempre achou tempo "para Deus, para a Pátria, para os amigos, para a humanidade", proclamando, com Silvio Romero, que nele está uma das culminações da Pátria, um dos guias imorredouros da jornada do Brasil através da história, um dos fanais da multidão no labutar das tradições, um dos mestres, um dos chefes espirituais da Nação.

Imitá-lo é contribuir para o engrandecimento do País; imitá-lo é mais ainda, é salvar o Brasil".



*"O culto à tradição, a lembrança das virtudes e feitos gloriosos de um povo forjam e estruturam a força viva de uma nação."*